

---

## **EDITORIAL - FOUCAULT, 40 ANOS. A CORAGEM, OUSADIA E COMPROMISSO DE UMA ESCRITA CRÍTICA**

### ***TÍTULO DO ARTIGO EM INGLÊS: SUBTÍTULO EM INGLÊS, SE HOVER***

---

**LUÍS CELESTINO DE FRANÇA JÚNIOR**  
Universidade Federal do Cariri

#### **Apresentação**

“Não escrevo um livro para ele ser o último. Escrevo para que outros livros sejam possíveis, não forçosamente escritos por mim”<sup>1</sup>. A frase presente numa entrevista concedida por Michel Foucault em 1971 singulariza a marca de desdobramento e continuidade de sua obra. O ano de 2024 marcou os 40 anos da morte do filósofo francês com uma série de eventos, publicações, conferências e debates realizados em várias Universidades mundo afora. Consta de sua biografia que até os seus últimos momentos trabalhou em dois volumes de *A História da Sexualidade*. Sua morte não marcou o fim das suas publicações que seguem instigando pesquisadores de diferentes áreas. A revista *Passagens*, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), publica esse segundo volume ressaltando não apenas a atualidade do pensamento e das provocações feitas pelo francês como, ao mesmo tempo, demonstra o caráter de ousadia em se pesquisar a obra de Foucault atravessando diferentes disciplinas.

“É possível, como diz Homero, que os deuses tenham enviado os infortúnios aos mortais para que eles pudessem contá-los, e que nesta possibilidade a palavra encontre seu infinito manancial; é bem possível que a aproximação da morte, seu gesto soberano,

---

<sup>1</sup> “Entrevista com Michel Foucault” in *Ditos & Escritos VII. Arte, Epistemologia e História da Medicina*. Rio de Janeiro, Forense, 2016.

sua proeminência na memória dos homens cave no ser e no presente o vazio a partir do qual e em direção ao qual se fala”<sup>2</sup>. Foucault considerava que havia uma espécie de parentesco fundamental entre a morte, a continuidade ilimitada e a representação da linguagem. Uma espécie de espelho ao infinito, um espaço virtual em que a palavra pode representar algo atrás de si mesmo e, ao mesmo tempo, ir para além dela mesmo ao infinito. Nesse sentido, como uma espécie de permanente trabalho ao infinito, a obra de Foucault vai se desdobrando em outras pesquisas, outros enquadramentos e outros textos. Talvez, por isso, gostava tanto da escrita do argentino Jorge Luís Borges.

*A Coragem da Verdade* é seu último curso no *Collège de France*, e seguramente um dos mais fascinantes, Foucault trouxe a figura do parresiasta. A *parrhesia* pode ser considerada um tipo de atividade verbal na qual o falante tem uma relação com a verdade por meio do falar franco, podendo colocar a sua própria vida em perigo. É um certo tipo de relação consigo mesmo ou com os outros por meio de uma crítica de si ou do outro e uma relação ética com a liberdade. O parresiasta não é somente alguém que diz a verdade ou que fala francamente. Para assim ser considerado, é preciso que a verdade intervenha em condições bem definidas: quando diz a verdade, ele põe a vida em risco e a sua coragem em dizer a verdade é sempre a expressão e enunciação de uma crítica que parte da base e visa a um poder. É um verdadeiro testamento filosófico e intelectual, o que provoca a quem for atravessado pela obra de Michel Foucault e se proponha a escrever a partir de sua obra a verdadeiros atos de coragem, ousadia e crítica.

Em “A Performance Drag e suas Implicações no Discurso de Gênero”, Alexandre Nunes e Enrique Bruno Martins propõem uma análise dos aspectos performativos e performáticos da constituição de corpos que envolvem a arte drag, explorando essa arte como um campo fértil de reflexões filosóficas que desafia as normas do “sistema sexo-gênero”, transgredindo normas excludentes ainda assentadas em uma heteronormatividade predominante. Os autores partem de uma proposição do dragqueenismo como uma prática artística que se utiliza da crítica aos gêneros sexuais a partir de criação de personagens e performances.

---

<sup>2</sup> “A Linguagem ao Infinito”. Foucault, Michel in Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense, 2015.

Em “O discurso e as relações de poder na constituição das identidades de gênero: uma discussão teórica a partir de Michel Foucault e Judith Butler”, Georgia Mattos busca problematizar as premissas que permeiam as configurações culturais que regulam e produzem as identidades de gênero, por meio de discursos legitimadores, que produzem “verdades” para as identidades de gênero. A autora propõe uma interconexão entre os conceitos de dispositivo da sexualidade, em Foucault, com a performatividade de gênero, em Butler.

Em “Desinformação como Ferramenta de Poder em Plataformas de Mídia Social: uma reflexão à luz do pensamento Foucaultiano”, Eliana Pegorim trata do uso político da desinformação como ferramenta de poder na sociedade contemporânea a partir das plataformas de mídia social e como o pensamento foucaultiano pode nos trazer um arcabouço teórico para a reflexão sobre os modos de funcionamento da desinformação e das narrativas desinformativas.

No artigo “Comunicação, Território e Dispositivo: a Operacionalização da Genealogia Foucaultiana em Pesquisas de Comunicação”, o professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira se propõe a mapear a constituição mútua de uma racionalidade na condução dos sujeitos na dimensão micropolítica (governamentalidade), dos discursos considerados verdadeiros (veridicção) e dos processos de subjetivação, além dos atravessamentos tecnológicos sobre corpos e práticas digitalizadas.

Em “O Acontecimento: entre Foucault e Deleuze”, o professor de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) Luiz Manoel Lopes discute a forma como Michel Foucault e Gilles Deleuze tem uma obra marcada e atravessada pela noção de *acontecimento*. Nesse sentido, em leitura com os estóicos parte das obras *Lógica do Sentido* e *Diferença e Repetição* não só para debater em que medida a noção de *acontecimento* aparece na obra dos dois autores franceses, mas também como é fundamental para a compreensão da filosofia da diferença.

O artigo “Enunciados e saber poder: uma controvérsia sobre alimentos e sedentarismo”, Lucas Teixeira propõe uma leitura examinar os enunciados e as visibilidades que emergiram de uma disputa de narrativas na área de saúde sobre as causas da obesidade. O autor tenta mostrar uma apropriação do discurso científico e, para isso, parte de uma “análise de discurso foucaultiana” para empreender suas análises.

No artigo “Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder. Um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway”, Luis Celestino propõe uma leitura sobre o lugar que o corpo ocupa na biopolítica, no Tecnobiopoder e no regime farmacopornográfico. Para isso, propõe uma leitura dos diferentes regimes de poder e modos de subjetivação a partir das obras de Foucault, Preciado e Haraway.

Em “Foucault e a Economia Política”, Marcelino Carvalho aproxima parte dos apontamentos de Michel Foucault (1926-1984) em relação à história das ideias aos estudos de economia política. O autor tenta mostrar que a leitura Foucault de um período que vai do século XVII ao XVIII, definido por ele como “idade clássica”, é possível observar a presença de certa “ordem das coisas”. Tal ordem diz respeito à interação entre as diferentes noções primárias de conhecimento, a partir das quais o desenvolvimento das ciências modernas, entre elas a economia política, se tornou possível.

No artigo “Releituras Contemporâneas da Biopolítica”, Pedro Khauja analisa o conceito de psicopolítica desenvolvido pelo filósofo sul-coreano e alemão Byung-Chul Han enquanto uma releitura do conceito de biopolítica. O autor mostra que Han desenvolve uma releitura contemporânea para o conceito de biopolítica, apontando uma transição social em direção ao que chama de psicopolítica. Seu conceito contém tanto elementos de uma biopolítica conforme proposta conceitual de Michel Foucault quanto de Giorgio Agambem, ambos autores que trabalharam de alguma forma o conceito inicial. O artigo tenta mostrar que tanto os elementos da biopolítica foucaultiana quanto agambiana o influenciam o pensamento de Han, apontando a passagem conceitual e teórica que o autor alemão realiza a partir desses fundamentos para chegar na sua ideia de psicopolítica.

Esta edição é fruto de parceria com a Universidade Federal do Cariri (UFCA) e com o projeto de pesquisa “Modos de Subjetivação e Biopolítica” sob coordenação da professora da UFCA, Regiane Collares, com suporte da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) envolvendo professoras e professores de diversas instituições de ensino do Ceará e de outros Estados do Nordeste brasileiro.

---

## **SOBRE O EDITOR**

### **Luís Celestino de França Júnior**

Professor do Instituto interdisciplinar Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (UFCA)

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/4998271672992540>

**Orcid:** 0000-0003-0312-5063

**E-mail:** [luis.celestino@ufca.edu.br](mailto:luis.celestino@ufca.edu.br)

## **COMO CITAR ESTE EDITORIAL**

CELESTINO, Luís. Editorial: Foucault, 40 anos: pensamento, acontecimento e resistência. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 15, n.3. Especial, p 1-5, nov. 2024.

**RECEBIDO EM:** 25/11/2024

**ACEITO EM:** 25/11/2024

**PUBLICADO EM:** 28/11/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional